

A TERRITORIALIZAÇÃO DOS AGRICULTORES NIKKEYS NO NORTE DO PARANÁ

TSUKAMOTO, Ruth Youko

tsukamoto@uel.br

ASARI, Alice Yatiyo

yasari@uel.br

Introdução: situando a questão

Nos 100 anos da imigração japonesa no Brasil, muitas reflexões foram realizadas por meio de simpósios e publicações da mídia, de livros e de periódicos. A participação da comunidade nikkey em vários setores da sociedade brasileira é expressiva e na agricultura ainda recebe destaque pela introdução de novas variedades envolvendo tecnologias, muitas vezes trazidas do exterior.

A imigração japonesa no Brasil marcou a sua presença a partir da cafeicultura como colonos, modalidade predominante nas propriedades rurais do estado de São Paulo. À medida que a frente de expansão da cafeicultura foi alcançando o norte e o noroeste do estado de São Paulo, estes imigrantes foram se tornando pequenos proprietários ou arrendatários.

O Norte do estado do Paraná foi uma das últimas frentes de expansão da cafeicultura e junto chegaram inúmeras famílias japonesas oriundas do estado de São Paulo.

O processo de territorialização de novas áreas, via de regra, é precedido pela atividade agrícola. O norte do Paraná não fugiu a regra, pois foi alvo de ocupação por várias companhias de terras seja estatal e/ou estrangeiras.

Os nikkeys, denominação dada aos japoneses e descendentes fora do Japão, estiveram presentes desde a chegada da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) em 1930, empresa de origem inglesa para desenvolver a cultura do algodão e posteriormente a cafeicultura. Outras companhias estrangeiras estiveram atuando nesta porção do estado do Paraná como a Nambei Tochi Kabushiki Kaisha e a BRATAC – Brasil Takushoku Kaisha. Estas duas companhias atraíram muitas famílias japonesas para se instalarem como proprietários de terra.

Do início da década de 1930 até os dias atuais os nikkeys têm atuado em diversas atividades agrícolas como produtores de grãos (soja, milho, trigo e café) ou como hortifruticultores. Além disso, há produtores de cereais e frutas voltadas para o processamento agroindustrial e/ou para o comércio varejista (uva, maçã, lichia, azeitona).

Há que se destacar a atuação em forma de cooperativas ou associações como a Associação Norte Paranaense de Horticultores do Norte do Paraná - APRONOR e Cooperativa Agrícola Integrada, COCAMAR, COROL entre outras.

Ao longo do tempo a agricultura passou por um processo de transformação e o pensamento das novas gerações se reflete na forma de expansão de suas atividades: de colono de café os produtores *nikkeys* passaram a proprietários rurais capitalistas, sendo várias as evidências desta transformação.

Este trabalho visa mostrar um breve histórico do processo de ocupação e territorialização dos nikkeys no Norte do Paraná e sua atuação no setor agrícola, muitos deles na tentativa de manter a tradição dos seus ancestrais em terras brasileiras.

1. Cafeicultura: mola propulsora para a territorialização de nikkeys

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil com o objetivo de trabalhar como colonos (típica relação de trabalho caracterizada pela participação da mão-de-obra familiar) de café no estado de São Paulo.

Martins afirma que o colonato pode ser entendido como relação não-capitalista de produção pela

Combinação de três elementos (básicos): um pagamento fixo pelo trato do cafezal, um pagamento proporcional pela quantidade de café colhido e produção direta de alimentos como meios de vida e como excedentes comercializáveis pelo próprio trabalhador. Além do que o colono não era um trabalhador individual, mas sim um trabalhador familiar.(MARTINS, 1979, p.19)

Vale salientar que o trabalho no cafezal era algo novo, muito diferente das lavouras japonesas o que exigia um aprendizado na prática dos tratos culturais. Além disso, era necessário adaptar-se ao novo regime alimentar e também, eram acometidos por diversas doenças

Segundo Kodama e Sakurai (2008,p.20-21):

os primeiros imigrantes vinham através de contrato entre as companhias de imigração japonesas e os cafeicultores paulistas.(...) Dos 781 trabalhadores que chegaram no Kasato Maru direcionados para o trabalho em cafezais, somente 191 permaneceram nas fazendas ao fim de dois anos.

Ainda, segundo as mesmas autoras os japoneses em pouco espaço de tempo tornam-se pequenos proprietários de terras impulsionados pela própria expansão de novas fronteiras no interior do estado de São Paulo, formando núcleos coloniais por companhias japonesas de imigração. Nesse período, verificou-se que os agricultores abriam novas áreas para cultivarem café, comprando lotes ou em forma de parceria. Para tanto passam a diversificar a produção introduzindo a cotonicultura, a sericicultura além da produção de hortaliças nos arredores da cidade de São Paulo.

Quanto à migração dos japoneses para o Norte do Paraná, há registros de sua presença no início do século XX. Segundo Handa (1987, p.460) os primeiros japoneses entraram em Cambará a partir de 1913, trabalhando de colonos na fazenda dos Barbosa Ferraz, em Bandeirantes (1927) com a fazenda Nomura e em 1929 surge entre outras a Fazenda Atomiya em Cornélio Procópio, todos localizados no denominado Norte Pioneiro. Entretanto, uma grande leva de imigrantes japoneses chegam no início de 1930, decorrentes da criação de companhias colonizadoras como a BRATAC (Companhia Colonizadora do Brasil) e a Nambei Tochi Kabushiki Kaisha (Companhia América do Sul), surgindo a partir dessas empresas dois municípios denominados atualmente de Assai e Uraí respectivamente, que segundo Müller (2001,p.100) desenvolveram, inicialmente, como base econômica, o algodão.

Além dessas duas companhias há que se salientar o papel da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), de capital inglês, fundada em 1929 tendo Londrina como sede da mesma. Nessa ocasião, atraiu japoneses que adquiriram lotes a preços acessíveis. A Colônia Lorena, hoje localizada no município de Cambé, a 18 km da cidade de Londrina, foi uma dos primeiros núcleos formados por japoneses provenientes de Cafelândia, interior de São Paulo.

A escolha dessa área foi precedida por um estudo prévio com relação à topografia, ao solo, à direção dos ventos, posição das terras em direção ao centro urbano de Londrina. (...) De ex-colonos passaram a proprietários de terras no Norte do Paraná, contando com garantias absolutas em terras legais. O fato da CTNP facilitar o pagamento em até cinco anos, incentivou a aquisição das terras. (GIMENES, BERTONE, 1978, p.53 Apud LUZ; VENTURA; TSUKAMOTO; LAZARI, 2007, p.5)

A Companhia de Terras Norte do Paraná expandiu o seu projeto de colonização até o Noroeste do estado. Nesse empreendimento, paulatinamente, foram criados núcleos de apoio aos agricultores e hoje, conta com uma série de cidades tais como Rolândia, Araongas, Apucarana, Maringá, Cianorte, etc. com a presença expressiva da comunidade nikkey.

Conforme pesquisa realizada em 2007-2008, praticamente todos os agricultores nikkeys herdaram as terras de seus ancestrais que, de início, introduziram a cafeicultura.

Há que se destacar a fazenda Atomiya que introduziu a cafeicultura numa propriedade de aproximadamente 700 hectares.

Com o passar dos anos e com a transformação da agricultura no Norte do Paraná o café foi substituído por outras culturas, principalmente pelas temporárias. Entretanto, foi registrado em muitos dos estabelecimentos um pequeno cafezal, como valor estimativo, sem fins comerciais.

Essa decadência da cafeicultura deve-se a uma série de fatores como pragas e doenças, excesso de produto no mercado internacional levando a baratear os preços e a geadas de julho de 1975 que dizimou enormes áreas desta região.

É sabido que a crise já vinha se alastrando anteriormente a esta data e que havia políticas governamentais para a introdução de produtos que mais se adequassem ao pacote da revolução verde. Segundo os depoimentos dos produtores o café foi substituído devido a grande geadas e também, por problemas trabalhistas em função do Estatuto do Trabalhador Rural que teve duplo efeito. Ao mesmo tempo que amparava o trabalhador rural também o eliminou, pois a sua permanência nas propriedades rurais elevava os custos para o cafeicultor.

1. A transição da cafeicultura e a re-organização do espaço agrário norte paranaense – breves considerações

Para compreendermos a participação dos nikkeys na agricultura norte paranaense é necessário resgatar o fato da cafeicultura ter sido significativa para a economia regional e que na década de 1960/1970 é substituída por outras culturas comerciais. Se o café propiciava a permanência de inúmeras famílias nas propriedades rurais, a partir dessa data o cenário agrário sofre um processo de profundas transformações estruturais.

Conforme estudos de Moro,

A partir de meados dos anos 60, a cafeicultura regional entra, gradativamente, em retrocesso, devido a uma série de fatores, dentre os quais, as seguidas geadas tiveram grande importância. Assim, as lavouras de café, com emprego intensivo da mão-de-obra, que chegaram a ocupar cerca de 1,5 milhão de hectares, entram em decadência. As pastagens com baixa utilização de mão-de-obra, seguidas pelo sistema de rotação soja-trigo, com alto grau de mecanização, concorrem para o elevado desemprego no campo. (MORO, 2000, p.46)

Nesse processo de transformação do campo, é interessante notar a drástica inversão nas taxas de participação no quadro agrícola paranaense. Segundo o Censo Agropecuário do IBGE do estado do Paraná, o café, em 1970, participava com aproximadamente 13% enquanto a soja com apenas 4%. Em 1985, o café participava com apenas 3% e a soja com 16%. Esse quadro, conseqüentemente, leva à maior utilização de máquinas eliminando a mão-de-obra existente no campo.

Não podemos omitir a participação das cooperativas nessa fase de transição/substituição de culturas. A cooperativa já vinha atuando efetivamente no período áureo da cafeicultura. Segundo SERRA (2000, p.156) a zona cafeeira do Paraná, entre 1957 e 1964, inúmeras cooperativas foram instaladas tendo como objetivo unir os cafeicultores para enfrentar principalmente, a falta de vagões para o transporte das safras por ferrovia em direção a capital paulista, o maior mercado comprador. Por outro lado, em função da previsão de super-safras, as cooperativas teriam condições de baratear os custos de armazenagem.

Ainda segundo o mesmo autor:

As cooperativas de produtores rurais, implantadas no Paraná a partir da década de 40 e na região Norte do Estado, de forma mais expressiva, a partir da década de 50, têm se transformado, e cada vez mais intensamente, num importante instrumento de penetração e de consolidação do capitalismo no campo. (SERRA, 2000,p.129)

Com a demanda por máquinas e insumos pelos agricultores, o governo utiliza-se oportunamente da estrutura e infra-estrutura existente nas cooperativas para incentivar e disseminar a tecnologia da “revolução verde”. Mais tarde, por volta da década de 1980, as unidades agroindustriais surgem no seio das cooperativas em funcionamento, a exemplo da COCAMAR (unidades de óleo vegetal, café, suco concentrado,etc), da COROL (café, suco concentrado de laranja e uva, destilaria de álcool,etc), da Integrada (fiação de algodão, de óleo vegetal, suco de laranja,mais recentemente,etc) entre outras.

2. Os nikkeys na agricultura Norte Paranaense

O Norte do Paraná apresenta-se subdividido em três partes: Norte Pioneiro, Norte Central e Norte Novíssimo. São denominações dadas a partir do leste para oeste do estado. Na realidade, há uma certa distinção no próprio processo de ocupação que se iniciou pelo Norte Pioneiro no final do século XIX. Lá os japoneses se adentraram na década de 1920 nos municípios de Cambará e Cornélio Procópio com o objetivo de desenvolver a cultura cafeeira.

O Norte Novo, conta com uma série de municípios colonizados pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP) onde os lotes eram em média de 25 a 50 hectares. A

cafeicultura teve expressão, mas hoje trata-se de uma região bastante diversificada agricolamente, pois conta com produção de soja, trigo e milho, predominantemente, mas há criação de bicho da seda, criação de frango para exportação, horticultura e fruticultura de expressão local, regional e nacional. A uva, por exemplo é exportada para outros estados do país e para os países vizinhos. Trata-se de uma área bastante diversificada.

Já o Norte Novíssimo, pelo fato de apresentar solos arenosos (Arenito Caiuá) e friáveis, a atividade de maior expressão é a pecuária. Outras atividades como a sericicultura, a bovinocultura de leite, a avicultura e a cultura da mandioca são também expressivas. Nos últimos 15 anos a citricultura está se despontando nessa região onde há duas unidades processadoras de suco concentrado destinado para o mercado externo.

A comunidade nikkey está presente em todas as três porções do Norte do Paraná e vale salientar que as culturas desenvolvidas por ela seguem as orientações referidas anteriormente. Há grandes produtores de grãos e de laranjas como há inúmeros produtores de pequeno porte (até 10 hectares) voltados para a hortifruticultura de caráter comercial. A pecuária está mais presente, entre os produtores nikkeys, na região Noroeste (Norte Novíssimo) devido à característica do solo.

Segundo Asari e Tsukamoto (2008, p.98-99), além do café, principal atividade desenvolvida para fins comerciais, tiveram grande expressão no norte do Paraná a cultura do algodão em Assaí, a cultura do rami em Uraí e a criação de bicho-da-seda. Assaí foi considerada a capital do algodão dando nome a uma divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a microrregião Algodoeira de Assaí. Essa cultura teve destaque até o final da década de 1980 quando, sustentado pela pequena propriedade, tornou-se inviável pelos altos custos de produção.

Hoje, esta cultura está retornando ao município em plantios extensos com intensa mecanização, inclusive na colheita. A Cooperativa Integrada está atuando na fiação de fios de algodão ao reativar uma antiga unidade pertencente à Cooperativa Agrícola de Cotia.

Trata-se de um município que ainda conta com representantes da comunidade nipônica com destaque para atividade agrícola, seja na cultura de grãos (soja, milho, café) seja na fruticultura (atemóia, uva, ...). Há que se destacar que o município apresenta uma significativa produção de alimentos orgânicos, muitos com a orientação técnica da Fundação Mokiti Okada, ligada à igreja messiânica.

Ainda conforme as mesmas autoras

Em fins de 1940, a cultura do rami passou a ter grande significado, porém com a Segunda Guerra Mundial, houve uma estagnação, pois tratava-se de um produto para exportação. Após 1950, a cultura foi retomada no município de Uraí, chegando a ser considerada capital do rami. Liderado por um *nikkey*, alcançou o mercado nacional e internacional, mas perdeu espaço para o Sudeste Asiático no final da década de 1980. Destas três principais atividades mencionadas, o bicho-da-seda ainda está em destaque colocando o Norte do estado do Paraná como o maior produtor de casulos verdes do Brasil. (ASARI e TSUKAMOTO, 2008, p.98-99)

Vale salientar que esta atividade está sob o controle de duas empresas: Fiação de Seda BRATAC, localizada em Londrina, de origem japonesa e mais tarde nacionalizada e Fujimura do Brasil S/A – indústria de seda, de capital japonês, em Cornélio Procópio.

A área de atuação dessas empresas extrapola os limites do Norte do estado do Paraná, mas a maior concentração encontra-se nos pequenos estabelecimentos por ser uma atividade que requer mão-de-obra familiar, por apresentar uma melhor qualidade dos fios de seda. Ressalta-se que são poucos os produtores nikkeys nesse ramo de atividade, pois no decorrer dos anos, optaram por culturas mecanizadas como a soja, o milho e o trigo.

Estas empresas exportam para países da Ásia, principalmente para o Japão e para a Europa, com destaque para a França e Itália, onde são reconhecidas pela alta qualidade dos fios de seda.

2.1 Hortifruticultura e a produção de grãos de nikkeys

Desde que os japoneses chegaram no estado de São Paulo, seja como colonos, meeiros, arrendatários, praticavam, como tradição, o cultivo de pequenas hortas para o auto-consumo. Saito (1973, p.190) explica como o imigrante japonês se insere na atividade hortigranjeira dizendo que :

O imigrante japonês surge (...) como figura principal de atuação na produção de produtos perecíveis. (...) podem ser citadas alguns fatores: em primeiro lugar, era ele portador de uma tradição, na terra de origem, das técnicas de cultivo intensivas que caracterizam a horticultura. Em segundo – e o principal – as circunstâncias históricas reservaram-lhe o setor de produção hortigranjeira dentro do fenômeno extraordinário da expansão industrial e urbana de São Paulo, quando já, nessa altura, outras correntes imigratórias haviam firmado os pés em setores diferentes como, por exemplo, os alemães e italianos na indústria e os sirio-libaneses no comércio.

Nos estudos feitos sobre a hortifruticultura no Norte do Paraná foi constatado na história da propriedade de que quando os pais dos produtores entrevistados adquiriram a propriedade cultivavam o café e com a queda do mesmo, provocada por uma série de crises de preço e de pragas, agravada pela pouca extensão de terras, decidiram diversificar as atividades passando a cultivar frutas e olerícolas.

É significativo o papel dos produtores de verduras e legumes (olericultura) cujas propriedades estão localizadas nas proximidades da área urbana com a função de abastecer o mercado local e regional (CEASA). (Foto 1)



Foto 1 -Vista parcial do plantio de repolho (1º plano) e de tomate (2º plano). Observe ao fundo a presença de residências da área urbana de Londrina

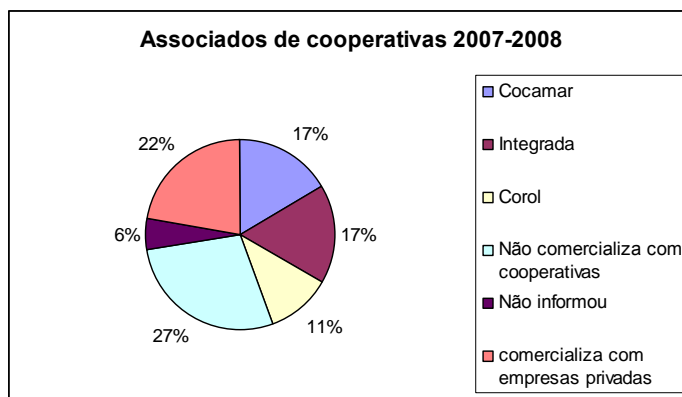
A produção de hortaliças é realizada da forma tradicional e, em determinados municípios, com destaque para Assaí, a produção alternativa de orgânicos. Normalmente esses produtores estão voltados para abastecer supermercados e feiras-livres.

Os entrevistados justificaram a opção pela hortifruticultura da seguinte maneira: “Escolhi as verduras porque o milho e o feijão davam prejuízo”; ou “Porque as frutas são cultivadas em áreas pequenas e tem mais retorno”; outros revelam: “A horta é para complementar a renda”. Dessa forma, aqueles que se dedicavam à produção de grãos mas, não tiveram a rentabilidade necessária, optaram por culturas de ciclo mais curto, de retorno mais rápido.

Em relação à produção de grãos, esta está presente em todos os municípios estudados. Há produtores de diversos perfis, entre eles, além da produção convencional de *commodities*, há o produtor de sementes, que produzem em suas terras e ainda arrenda as terras vizinhas para ampliar sua produção de soja e milho

Conforme dados coletados no campo, por amostragem, verificou-se que aqueles que possuem propriedades com menos de 24 hectares possuem além do cultivo de grãos (café e soja) cultivam também as hortaliças pelo fato de ser de ciclo curto e portanto, de retorno rápido. Já aqueles que possuem áreas maiores que 50 hectares, cerca de 60% dos entrevistados, plantam trigo e soja ou soja/milho.

Os produtores de grãos contam com financiamentos e comercializam sua produção junto às cooperativas e cerealistas em geral (intermediários). (Gráfico 1)



Fonte: Pesquisa in loco.

Elaborado por: Diego de Held

Observe-se que 45% dos produtores entrevistados estão associados à cooperativas estando em igualdade de condições a COCAMAR e a Integrada, a primeira com sede em Maringá e a segunda em Londrina. A COROL de Rolândia também tem se despontado nos últimos anos, e segundo informações dessa cooperativa, a participação de associados nikkeys é de 8,5%. Já em relação à Integrada a participação percentual de nikkeys é de 25% do total de associados .

Em relação ao papel das cooperativas agrícolas, verificou-se que ela exerceu um papel importante na fase da introdução de máquinas e utilização de insumos na comunidade nikkey. Mais de 30% dos entrevistados afirmaram que os agrônomos das cooperativas incentivaram a introdução do pacote tecnológico da “revolução verde” por ser algo que melhoraria a produtividade das plantas.

Lembrando as palavras de Serra (2000, p. 129), as cooperativas tiveram um papel impar na consolidação do capitalismo no campo.

Como 22% dos entrevistados comercializam com empresas cerealistas (intermediários) os 27% restantes são aqueles que comercializam produtos hortifrutícolas à varejo em diversos estabelecimentos comerciais.

Um fato a ser considerado nessa distribuição de diferentes culturas desenvolvida pelos nikkeys seria a relação do tamanho dos estabelecimentos com o tipo de cultura. Na amostragem realizada verificou-se que os estabelecimentos que contam com a produção de grãos, pastagens e laranjas, a área média dos mesmos está em torno de 300 hectares, chegando a 1300 hectares. Estão localizadas na porção Noroeste do estado, na área denominada geologicamente, de arenito Caiuá. ‘ 1

Considerações finais

Entre 2007 e 2008 foram entrevistados produtores, por amostra, em onze municípios que representasse as três porções do Norte do Paraná, ou seja, Norte Pioneiro, Norte Central e Norte Novíssimo ou Noroeste.

Todos os entrevistados são proprietários de suas terras e há aqueles que ainda arrendam outras para ampliar a sua área produtiva. Cerca de 55% obtiveram por meio de herança e 30% aumentaram a área da propriedade, comprando terras vizinhas ou mesmo em outros municípios. Há produtores que possuem outras áreas em estados como o Maranhão, Bahia e Minas Gerais.

Ao tentar resgatar o histórico da propriedade atual, metade delas tinha como atividade anterior a cafeicultura. Isso demonstra o significado dessa atividade para os imigrantes japoneses que se instalaram nesta região do Estado.

Pelos elementos analisados nesta pesquisa pode-se considerar que os produtores nikkeys do Norte do Paraná são capitalistas por uma série de evidências, a contar da sua própria origem, ou seja, vieram como imigrantes para se enriquecer fora do seu país e para tanto, a meta era trabalhar arduamente e conquistar mais bens materiais. Por outro lado, há que se lembrar que o imigrante japonês, foi à procura de novos horizontes saindo do sistema de colonato das fazendas de café, mesmo que tivesse o propósito de retornar para o Japão. Entretanto, ao decidir a sua permanência no Brasil, a meta foi tentar conquistar sua estabilidade econômica.

Um dos fatores que caracteriza um capitalista é a contratação de assalariados que explica a lógica da acumulação por meio da produção da mais-valia que se concretizará no momento da circulação da mercadoria. Esse fato está presente em todos os produtores entrevistados que mantêm funcionários para o desenvolvimento de suas atividades. Há casos de contratação de mão-de-obra temporária para a colheita do café, principalmente.

Quanto ao nível tecnológico dos produtores pesquisados, todos possuem máquinas próprias para desenvolver a agricultura. Pode-se afirmar que os produtores nikkeys sempre estiveram à frente de novas tecnologias e assim, foi constatado que a mecanização no campo deu-se no período da introdução do pacote tecnológico da revolução verde. Cerca de 60% dos produtores entrevistados introduziram a mecanização entre as décadas de 70 e 80, mas vale mencionar que na década de 1960, 10% já contava com tratores e seus implementos. Quanto à utilização de insumos químicos cerca de 70% dos entrevistados afirmaram terem iniciado essa prática entre os anos de 1960 (26%), 1970 (21.4%) e 1980 (23.8%).

Muitos dos nikkeys do Norte do Paraná têm suas raízes no rural, mas nesses últimos 70 anos, de geração a geração, os vínculos com a terra tornaram-se mais distantes, salvo aqueles que herdaram as terras dos seus ancestrais e/ou aqueles que optaram pela atividade agrícola. Estes, estão integrados na dinâmica da agropecuária capitalista do estado.

Em função dos estudos dos filhos a maioria das famílias está residindo na área urbana. O proprietário se desloca diariamente para o campo e administra suas atividades com funcionários contratados. Há proprietários de estabelecimentos menores que desenvolve, por exemplo, a sericicultura por meio do sistema de parceria, não se envolvendo diretamente no processo de produção.

Nas pesquisas realizadas em vários municípios desta porção do estado foram constatados diversos tipos de culturas com produtores de diversas faixas etárias e de diferentes níveis de escolaridade. Há produtores rurais que também mantêm atividades urbanas com estabelecimentos comerciais ou de serviços.

Há que se destacar que independente do tamanho da sua propriedade a tecnologia está presente em todos os níveis dos tratos culturais. Mesmo aqueles que optaram pela agricultura orgânica em pequenos estabelecimentos rurais seguem à risca as orientações técnicas para que tenham a possibilidade de colocar o seu produto com qualidade no mercado.

Nota-se que a geração mais jovem não está e não pretende dar continuidade, pelo fato de terem direcionado a sua formação para outros ramos de atividade. Há propriedades cujos proprietários não mais residem no campo e estão arrendando a terceiros para obter uma renda da terra sem necessariamente produzi-la.

Os nikkeys brasileiros, sejam eles imigrantes ou descendentes, têm contribuído no processo de desenvolvimento econômico e social a partir da territorialização da produção agrícola, no caso no Norte do Paraná. Estão totalmente integrados ao modo de produção capitalista investindo em tecnologias e se destacando no cenário agropecuário.

Referências

ASARI, A.Y.; TSUKAMOTO, R.Y. Da terra do sol nascente às terras férteis do Paraná: territorialização e organização social de nikkeys. In: **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro:IBGE, 2008. p.91-101.

HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T.a.Queiroz,editor Ltda. 1987.

KODAMA,K.; SAKURAI,C. Episódios da imigração: um balanço de 100 anos. In: **Resistência & integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil**. Rio de Janeiro:IBGE, 2008.p.16-29.

MARTINS, J. de S. **O cativo da terra**. São Paulo:editora Ciências Humanas, 1976

MORO, D.A. A modernização da agricultura paranaense. In:VILLALOBOS, J.U.G.(org) **Geografia social e Agricultura**. Maringá:Programa de Pós-graduação em Geografia-UEM, 2000. p.29-59.

SAITO, T. À margem da contribuição de japoneses na horticultura de São Paulo. In: SAITO, H e MAEYAMA, T. **Assimilação e Integração dos japoneses no Brasil**. São Paulo:Vozes/Edusp, 1973. p. 189-200.

SERRA, E. A teoria e a prática cooperativista entre os produtores rurais. In: VILLALOBOS, J.U.G.(org) **Geografia social e Agricultura**. Maringá:Programa de Pós-graduação em Geografia-UEM, 2000.p.129-165.